

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ISABELLA OLIVEIRA DIAS

**MEMORIAL REFLEXIVO:
O TRABALHO NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM**

Uberlândia

2021

ISABELLA OLIVEIRA DIAS

O TRABALHO NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito final para obtenção do título: Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientadora: Dra. Adriana Pastorello Buim
Arena

Uberlândia

2021

O TRABALHO NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito final para obtenção do título: Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientadora: Dra. Adriana Pastorello Buim
Arena

Uberlândia, 11 de junho de 2021.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família e amigos, pelo estímulo e carinho. E a Deus pelo amparo e suporte em toda essa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Repara em quem te ampara.

O caminho nessa graduação foi constituído por amparos. Com o passar do tempo e certa maturidade adquirida, o reparar em quem ampara é impossível não existir. O valorizar também. Creio que sou muito agraciada. Sim, muito! Agradeço a Deus por toda a rede de apoio que Ele colocou em minha vida. Todo conjunto de palavras colocados em formato de texto, jamais seriam suficientes para expressar toda a minha gratidão aos que me ampararam durante os últimos quatro anos. Ainda mais, aos que me amparam desde junho de noventa e nove. A rede de apoio continua a mesma, mas o meu amor, respeito e admiração aumentam a cada ano.

Entretanto, não poderia perder a oportunidade de deixar registrado meus agradecimentos aos que muito fazem por mim e para mim. Aos meus pais que nunca mediram esforços para que o estudo fosse presente em minha vida nos melhores centros acadêmicos disponíveis. A minha mãe, que trabalhou arduamente para que eu tivesse a oportunidade de me dedicar exclusivamente e por completo às minhas duas graduações, além de disponibilizar seu carinho, amor e conhecimento enquanto profissional da educação. Ao meu pai que disponibilizou apoio compartilhando palestras e temas da minha área e que poderiam me interessar, além de ter dado um grande salto de coragem rumo ao desconhecido quando decidiu mudar sua profissão, mostrando para os próximos o quão nunca é tarde para recomeçar. Aos amigos, tios e madrinha, padrasto e família mais próxima, que me apoiaram durante todo o trajeto - materialmente, mas principalmente em matéria de afetividade.

Aos meus avós, os quais posso desfrutar de suas companhias diariamente e com gentileza dispõem a mim todo conhecimento que ao longo da vida e com a vida obtiveram.

Agradeço também à Prof.^a Dra. Adriana Pastorello B. Arena pelo suporte, dedicação, atenção e carinho para que o desenvolvimento deste trabalho fosse possível. Escolher seu tema e tê-la como orientadora foi uma boa e linda surpresa nesse final de curso.

Agradeço e dedico esta conquista:

Aos que sonham os meus sonhos.

Aos que acreditam em meus passos.

Aos que acreditam em minhas escolhas.

Sem dúvida essa caminhada sem cada um de vocês seria mais árdua.

“Na busca prática de uma concepção de educação popular interessante, eficiente e humana. O trabalho será sua base e motor a um só tempo.”

(FREINET, 1998, p. 153)

RESUMO

Este trabalho consiste em um memorial reflexivo, o qual se caracteriza por uma livre escrita desta autora sobre sua própria história de vida partindo de uma reflexão crítica. A proposta de desenvolvimento de um memorial para futuros docentes ou mesmo os profissionais que se encontram em exercício pleno, é promover um encontro com o que o formou enquanto pessoa e no que o constitui ou constituirá enquanto profissional. Para compor o memorial, escolhi como tema central a construção da aprendizagem a partir do conceito de trabalho desenvolvido por Célestin Freinet. A pesquisa bibliográfica teve como objetivo compreender a proposta de trabalho desenvolvida por Freinet e verificar a possibilidade de promover o envolvimento real da criança no processo de ensino aprendizagem por meio do trabalho.

Palavras-chave: Memorial reflexivo. Célestin Freinet. Concepção de Trabalho para Freinet.

SUMÁRIO

<u>1. INTRODUÇÃO</u>	9
<u>2. UM PERCURSO DE FORMAÇÃO</u>	18
<u>3. O TRABALHO NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM</u>	26
<u>4. CONCLUSÃO</u>	35
<u>REFERÊNCIAS</u>	37

1 INTRODUÇÃO

O memorial reflexivo se constitui na livre escrita do autor sobre sua própria história de vida. De acordo com Sousa e Cabral (2015) é um modo de narrar a história vivida e preservá-la do esquecimento e fazer com que haja uma ação reflexiva de análise e, conseqüentemente, uma oportunidade de nova significação para o que se foi passado.

A proposta de desenvolvimento de um memorial para futuros docentes, ou mesmo os profissionais que se encontram em exercício pleno, é promover um encontro com o que o formou enquanto pessoa e no que o constitui ou constituirá enquanto profissional, uma vez que segundo Cunha (1997, p.189),

O professor constrói sua performance a partir de inúmeras referências. Entre elas estão sua história familiar, sua trajetória escolar e acadêmica, sua convivência com o ambiente de trabalho, sua inserção cultural no tempo e no espaço. Provocar que ele organize narrativas destas referências é fazê-lo viver um processo profundamente pedagógico, onde sua condição existencial é o ponto de partida para a construção de seu desempenho na vida e na profissão. Através da narrativa ele vai descobrindo os significados que têm atribuído aos fatos que viveu e assim vai reconstruindo a compreensão que tem de si mesmo.

Para tanto, faz-se necessário compreender que as narrativas descritas em um memorial, embora sejam memórias subjetivas e inteiramente pessoais, podem ser produtoras de conhecimento. Cunha (1997) elucida esta perspectiva quando aborda a dificuldade em se escrever sobre o vivido e que isso se deve ao fato da própria cultura estabelecer um distanciamento entre o conhecimento científico e os saberes cotidianos, assim as histórias vividas que constitui qualquer sujeito, não são levantadas como dados capazes de produzir conhecimento. Deste modo, o memorial reflexivo vem em contraposição a este ideal, considerando os relatos como uma proposta de análise crítica e reflexiva sobre si enquanto sujeito ativo de produção de possibilidades, reconhecimento sobre a própria história e sobre a posição ocupada nas trajetórias traçadas. Ademais Sousa e Cabral (2015) dizem que é a partir da oportunidade da escrita que se pode observar como o indivíduo concebe e vivencia o mundo.

O memorial reflexivo proposto teve o intuito de se estabelecer a descrição de minha própria trajetória acadêmica. Tecer memórias de meu processo formativo perpassa por acontecimentos que envolvem uma gama de pessoas significativas, seja positivamente ou negativamente, que de certo modo influencia no processo de desenvolvimento de nossa própria prática docente. Isto decorre do objetivo do próprio material base - o memorial - a aproximação e reflexão do vivenciado e a atribuição de nova significação a partir do conhecimento que se

foi obtido no decorrer do tempo. Portanto, compreende-se que o “narrar histórias e contar a vida caracteriza-se como uma das possibilidades de tecer identidade, de compreender como nos tornamos professores e das configurações que nos são forjadas nos nossos percursos de vida-formação” (SOUSA, 2012, p. 46 apud SILVA SOUSA; CABRAL, 2015, p.151).

O trabalho na construção da aprendizagem foi o tema escolhido por mim para seu aprofundamento a partir da perspectiva pedagógica de Célestin Freinet, o qual desenvolveu uma pedagogia pautada em aspectos de ordem colaborativa, coletiva e cooperativa. Freinet, de acordo com Sampaio (1989), critica aos manuais escolares e defende o método natural da escrita e da leitura utilizando as técnicas de passeio, livre escrita, escolha do texto, trabalho coletivo de correção, a impressão, o jornal escola, modificando assim a escola por onde passa. “A classe Freinet tornava-se assim um lugar de livre expressão, onde a criança manifestava sua personalidade mais profunda.” (SAMPAIO, 1989, p. 40)

Segundo Elias (2004), Célestin Freinet (1896-1966) nasceu em Gars, no sul da França. No início de sua vida era pastor de rebanho e cursou magistério. Participou da primeira guerra mundial e nela adoeceu devido a gases tóxicos que criaram nele uma grave lesão pulmonar. Em 1920 torna-se professor assistente em uma pequena escola de duas classes em Bar Sur Loup nos Alpes Marítimos. Foi o ponto inicial do trabalho de Freinet enquanto educador,

Sem experiência e sem uma teoria pedagógica, mas com um instinto próprio de pastor, constrói os próprios princípios de uma ação prática, aproximando escola e aldeia, respeitando profundamente a criança. Porém, apesar de dedicar-se inteiramente ao magistério, ao tomar consciência do papel que o ensino público desempenha... Estabelece contato com outros docentes para reforçar sua experiência profissional. Tinha a obstinação de honrar a profissão que escolhera e de buscar, entre seus pares, caminhos para melhorar a qualidade de ensino. Através do diálogo com o conhecimento científico e com os outros professores procurava estreitar as relações com o outro e com o mundo. (ELIAS, 2004, p. 22).

Célestin Freinet ficou conhecido por suas críticas à escola tradicional e pelo desenvolvimento do movimento da escola moderna, onde elaborou atividades escolares diferentes para a época, como aulas-passeio, imprensa escolar, jornal escolar, texto livre, correspondências entre escolas e trabalho. Estas técnicas foram desenvolvidas com o intuito de formar uma escola popular e de estabelecer uma nova concepção de criança estudante. Freinet identificava-se com a corrente da escola nova, anticonservadora, cujo ensino deve haver a presença do que acontece ao redor da escola e deve proporcionar ao estudante um desenvolvimento de uma educação a partir de um trabalho real, visando atribuir significado através da experiência. A pedagogia de Freinet concebe a criança como um ser social ativo e

atuante, por isso propõe uma pedagogia viva e um novo relacionamento entre escola - conhecimento - criança - professor - ambiente.

Freinet, em sua prática pedagógica, tem como intuito a valorização de uma formação cooperativa; capaz de compreender o pensamento infantil e educar além de favorecer o desenvolvimento intelectual e moral por meio de uma educação natural. Elias (2004) enfatiza que as técnicas de Freinet não podem ser vistas isoladamente, e sim vinculadas a tarefas concretas, por meio da escola do trabalho. Tinha o objetivo de fomentar uma revolução social a partir de sua prática, com as principais ideias, dentre elas a educação para o trabalho, onde

só o trabalho é realmente formador. Primeiro, porque propõe motivações mais fortes para a aprendizagem. Segundo, porque as aquisições do trabalho é que serão mais úteis na vida social e profissional. Claro, convém não se equivocar sobre o sentido da palavra trabalho, que Freinet se empenha em distinguir tanto das tarefas extenuantes quanto das atividades artificiais de diversão. (FREINET, 1988, p. XI).

Elias (2004) aponta a defesa de Freinet para uma mudança pedagógica, com revolução na escola. Critica a escola capitalista e seu condicionamento autoritário. A autora traz apontamentos sobre as técnicas, como o tateamento experimental, livre expressão e vida cooperativa. Célestin Freinet demonstra como é possível se ter uma escola viva a partir de quatro eixos: cooperação, comunicação, documentação e afetividade.

O educar, portanto, seguindo a lógica da pedagogia de Freinet, deve conter a cooperação, que segundo Elias (2004, p. 40), se relaciona à construção social do conhecimento. A comunicação na forma de integrar o conhecimento advindo da cooperação, encontrando-se com a documentação como uma forma de registrar a história construída ao longo do processo de ensino-aprendizagem e na afetividade que corresponde ao elo de ligação entre participantes envolvidos no ato de educar e aprender em busca de um objetivo e objeto comum final, o conhecimento.

Este memorial tem o intuito de compreender o conceito de trabalho nas práticas pedagógicas de Célestin Freinet. O objetivo é entender a proposta de trabalho desenvolvida por Freinet e verificar se é possível promover o envolvimento real da criança no processo de ensino aprendizagem pelo trabalho. Entender como ele trabalha este conceito já que a ideia de ludicidade é excluída pelo autor, pois acredita que seja reduzida somente a jogos e brincadeiras. Célestin Freinet propõe o trabalho através de projetos que levam a criança a buscar realizá-lo e assim atribui no exercício desses trabalhos significância e significados para sua vida o que vai além do simples brincar.

Para Freinet o trabalho,

O trabalho é o grande princípio, o motor e a filosofia de sua pedagogia (Pedagogia popular), que parte da atividade para chegar às outras aquisições. Para ele, influenciado pela filosofia marxista, a escola pretendida e pensada é a escola do trabalho, perfeitamente integrada no processo geral da vida: a criança torna-se sujeito e o professor, aquele que orienta, estimula e facilita a aprendizagem. O trabalho permite aos homens se estruturar e educar ao mesmo tempo em que transformam a natureza. [...] A atividade, pressuposto fundamental da Pedagogia do Trabalho, é vista como algo natural, resultante de uma ação intelectual ou física. Através do trabalho, o homem desenvolve total e afetivamente suas potencialidades, se não se lhe retira o encanto de construir. O trabalho livre e criador é a forma de o ser humano ascender, dominar o meio e exercer seu poder. (ELIAS, 2004, p.46-47).

A obra “Educação do trabalho” de Célestin Freinet trata sobre o trabalho do educador não ser apenas um sonho humanista: lutar contra a ignorância é lutar contra a miséria que viu no dia-a-dia de sua classe. Parte daí a referência constante à escola do povo, que não pode ser entendida sem referência ao contexto sociopolítico das décadas de 20 e 30. Essa obra é fruto de um processo de prisão que Freinet fora colocado e para eliminar o ócio desenvolve um diálogo filosófico entre dois personagens – Pastor e Professor da área rural, mostrando os saberes – popular e ciência. Em suas primeiras páginas se aborda uma contextualização sobre quem foi Freinet e sua caminhada na área da educação. Discorre sobre a participação da escola na vida cotidiana do sujeito e como era vista como um elemento externo à realidade da vida. Freinet sempre considerou a reflexão sobre a condição proletária, contexto político e social em relação a educação. Para ele, “a educação era um projeto político no sentido mais profundo do termo (aliás, jamais a entendeu de outra forma), o do lugar do homem na pólis” (FREINET, 1988, p. IX).

O livro aborda as vivências dos dois personagens e em como os dois, embora *a priori* pareçam distintos, seus conhecimentos se complementam e o que se difere é o método que cada um utiliza para compartilhar. O contexto central da obra é a noção de trabalho. Perpassam por todos os tipos de trabalho – jogo, bem como dos jogos existentes, para se concluir que

[...] só o trabalho é criador de riqueza, de poder material e também moral, criador de equilíbrio individual e social, em suma, de que ele é elemento preponderante em nossa busca obstinada desse estado de espírito tão complexo que denominamos felicidade. Às vezes duvidamos disso, porque nossa civilização transformou o trabalho numa maldição, cujo produto, aliás, vai, com muita frequência, para o poder econômico e a astúcia.

Seja como for, por menos que se reflita sobre o assunto, hoje seria impossível ignorar esse supremo recurso: a eminente dignidade e fecundidade do trabalho.

Ora, vocês fazem as crianças trabalharem? Em outras palavras: ocupam-nas com tarefas criadoras de potência e de vida que atendem às suas aspirações pessoais e às necessidades da sociedade da qual são membros? Nem um pouco. Ou tão pouco! (FREINET, 1988, p. 292).

O objetivo do livro, disposto em um rico formato de diálogo envolvente, reflexivo e crítico, mostra que a pedagogia de Célestin Freinet não se baseia no que a escola tradicional desempenhava na época, com muitos livros e teoria. E sim, pautava-se em algo que reproduzisse conhecimento a partir da ação ativa do estudante no desenvolvimento de trabalhos, não o separando de sua própria natureza e tão pouco do que se apresentava ao seu redor. Deixou explícito e claro o que seria essa concepção de trabalho em si, de educação pelo trabalho, no qual não se restringe somente às atribuições ao manual, e sim todo um conjunto que compete a realização de reflexão, uso e desenvolvimento de um bom senso, indagações de cunho útil e filosóficos.

Se sabemos com suficiente precisão o que a criança deseja, do que necessita para seguir suas linhas de vida, só nos resta encontrar a delicada conjunção entre a riqueza, infelizmente demasiado heterogênea, das gerações passadas e presentes, e a intrépida e instrutiva ousadia dos seres jovens partindo à conquista de seu devir. Este traço de união *é o trabalho!* (FREINET, 1988, p. 309).

A proposta de uma pedagogia moderna apresenta-se ao evidenciar que a criança, como tudo no mundo, está em transformação e como ela modificou, a escola precisa acompanhar, desenvolver uma nova escola pois usar os mesmos textos, as mesmas cartilhas e mesmo método de quando o professor estudou tornou-se antiquado e desinteressante para os alunos, sendo necessário uma readaptação da escola ao meio.

Várias propostas e tentativas foram feitas para buscar a mudança da pedagogia, mas que fracassaram, a proposta de Freinet surge nesse vazio pedagógico como uma fórmula do futuro, em suas próprias palavras “com práticas coerentes, um espírito harmonizador entusiasmante, fundamentos psicológicos, filosóficos e sociais que atingem, para as renovar, as próprias bases da Escola do povo” (FREINET, 1976, p.14 apud SOARES, 2016, p. 58), uma pedagogia que adapte às transformações que assolam a vida da sociedade.

Freinet (1975, p. 20) inquietou-se perante a falta de interesse dos alunos, e diante disso desenvolveu investigações que tinham a “necessidade de melhorar as condições de trabalho, para alcançar uma eficiência se possível maior”. Ele também via a necessidade de fortalecer a classe dos docentes. Descobriu a imprensa escolar e compartilhou a fim de fortalecer um movimento pedagógico cooperativo. Segundo Sampaio (1989) Elise, que se tornou esposa de Freinet, trabalhou com ele e juntos melhoraram o espaço físico e organização na sala de aula aumentando as possibilidades artísticas. Criaram peças, teatros, revistas, cooperativas. A revista era publicada com os textos, desenhos e expressões artísticas das crianças. A cooperativa se tornou fornecedora de material pedagógico. Houve o primeiro congresso que propagou ainda mais o trabalho de Freinet que ganhou muitos simpatizantes. Após congresso deu início a

Cinemateca Cooperativa com material e filmes da forma de trabalho do Freinet em suas salas de aula.

Utilizando-se de leituras, investigações e experimentação voltou à sua escola e percebeu que as teorias que conheceu não se aplicavam ali sendo obrigada a voltar com técnicas arcaicas da escola antiga e que não rendia os frutos almejados, tornando desmotivante ao aluno e a ele. Praticava a aula-passeio e via nela um traço de esperança mas enfrentava o discurso de que aluno não vai para escola para passear, no entanto viu nesse método a possibilidade de adaptação de aula e propôs através da tipografia materializar a experiência do passeio em texto e envolveu os alunos no processo de composição e impressão iniciando o nascimento do texto livre e a demonstração de que “a necessidade de criação e de expressão é uma das ideias-força com base nas quais se pode fundamentar uma renovação pedagógica incomparável.” (FREINET, 1975, p.28). Demonstrou também que o texto livre tem de ser motivado como para um jornal ou correspondência, tem de ter uma finalidade, estimulando a criança ao pensamento. Atingindo assim os fundamentos de sua pedagogia. Aproximando a escola da vida do aluno.

Critica a forma expositiva das aulas, sugerindo uma associação à experiência da criança para que o tema abordado faça sentido a ela e seja aprendido e que a preocupação não seja somente com o rendimento intelectual, mas com a formação humana. Associar a teoria à prática. Transformar ideias em criação, em trabalho, em experiência. Estímulo à aprendizagem pelo método natural. Perante a preocupação em relação à disciplina, Freinet explica que uma aula bem estruturada e organizada, onde a criança realiza seu trabalho, a harmonia é alcançada e o problema da disciplina escolar sanado. As técnicas Freinet foram expandindo, cada local com suas especificações obedecendo a ideia de correspondência a vida da comunidade, se são lugares diferentes possuem raízes diferentes e é justificável que seja desenvolvida as técnicas num ritmo próprio de cada lugar. Freinet critica a separação da escola com a vida. A estranheza do aluno com o material escolar e a posição de que o professor sabe tudo e os alunos nada sabem. Ressalta que todo aluno tem conhecimentos prévios sobre o que vive fora da escola e que o professor deve utilizar disso aprendendo com ele e trazendo sua experiência para despertar interesse na sala de aula utilizando um material com elementos condizentes à vida do aluno.

O livro da vida tem o papel de dissolver esta separação. Trazendo sentido e motivação para os alunos. Trabalha a redação, a leitura, a comunicação sob a orientação e encorajamento do professor. Dando força ao texto livre que aumenta a liberdade do aluno, inspirando o desejo de escrever, de se exprimir. Ao professor cabe incentivar e usar de palavras motivadoras e dar liberdade de escolha sobre o que escrever, como e quando. Promover situações como estimular

o diálogo e questionamentos da criança com a família, o senso investigativo, curioso, observador, para que tenham sempre acontecimentos e informações para escrever. Além disso, o professor deve envolver os alunos nos processos do texto livre, acordando com eles quem vai apresentar os textos, a leitura, a correção, o processo da escolha do texto que precisa ser socializado.

Na escola tradicional os planos de aula estão prontos e são sempre generalizados. Freinet propõe que os planejamentos sejam condizentes com a realidade da escola que o professor leciona, utilizando a realidade e coisas do dia a dia dos alunos para ensinar e cumprir o currículo, com planos de aula dia a dia, organização espaço físico, planejamento de rotina, uso do tempo, projetos e trabalhos cooperativos.

Existiu certa resistência às técnicas de Freinet, porém o resultado despertou a atenção e algumas práticas instauradas vão se fixando como o texto livre, por exemplo. Freinet demonstra a necessidade de proximidade com os pais para que se possa ensinar às crianças, contando com eles como aliados em seu projeto de fazer uma escola moderna. E ressalta que a busca por uma renovação pedagógica resulta de reflexão, tato e prudência e para empregar as técnicas de Freinet é necessário algumas reconsiderações e disposição para seguir e usar dos “utensílios” indispensáveis para se fazer uma Escola Moderna. Assim,

Toda a nossa pedagogia está baseada nos utensílios e nas técnicas. São eles que modificam a atmosfera da vossa aula, e assim, o vosso próprio comportamento, tornando possível este espírito de libertação e de formação que é a razão de ser das nossas inovações. (FREINET, 1975, p.115).

Houve necessidade de organização técnica da escola para implantação da Escola Moderna devido às dificuldades na transição, principalmente em escolas com número grande de classes, uma vez que as divergências com professores tradicionais se chocam com as novas técnicas. É preciso gradativamente implantar novos costumes. As turmas superlotadas sabotam as novas possibilidades, assim como a falta de espaço, ausência de crédito financeiro, programas e horários engessados, a oposição dos pais e os profissionais da educação tradicionais. Porém é aplicando de maneira correta as técnicas que estes entraves serão vencidos ao observarem os resultados alcançados.

O percurso de passar do método tradicional para os métodos modernos liberou espaços com mudança e adaptação de mobiliário. A prática pedagógica começou com texto livre introduzindo de maneira gradativa com momento para o texto e outros para exploração pedagógica do texto livre, depois o cálculo vivo utilizando ficheiros com exercícios e problemas discutindo em grupo possíveis soluções introduzindo o “problema livre” também adequando

problemas matemáticos à realidade dos alunos. Freinet promoveu palestras envolvendo os alunos seguido de debates. Para ensino de História, Geografia e Ciências, o uso de fichas-guias foi realizado de forma cooperativa. Finalmente, introduziu a criação de um jornal.

Enfim, Freinet trata a questão dos exames, da avaliação, da forma fragmentada que ocorre e torna-se incompleta sendo injusta a valorização de apenas uma técnica em detrimento à outra que não foi analisada, sendo que o exame avalia conhecimentos menos importantes para a vida. “Avalia-se então o acessório e descarta-se o essencial” (FREINET, 1975, p.151)

A adesão a Pedagogia Popular gerou incertezas. Há aqueles que têm medo do novo método e aqueles que querem aderir, mas querem tudo pronto, não querem trabalhar para construir e se adaptar às técnicas. O perigo é um professor que opta pelo meio termo, aplicando mais ou menos e mantendo também a tradição. É preciso se posicionar e entender que “o progresso pedagógico tem seu preço” (FREINET, 1975, p.169) e que deve “empenhar-se, por sua vez, na investigação teórica e na prática de uma pedagogia moderna que permita formar na criança o homem de amanhã, obreiro, ativo e consciente de uma sociedade progressiva, de liberdade e de paz.” (FREINET, 1975, p.170).

O humanismo era forte característica de Freinet que acreditava que todos deveriam ter seus direitos garantidos e prezava pelo respeito humano e com este princípio desenvolveu todo seu trabalho. Não colocava suas ideias como únicas e absolutas, sempre foi aberto a todas experiências pedagógicas e inclusive estudava muito para poder criar os seus métodos e ter embasamento para criticar o que considerava maçante e ineficaz.

Freinet participou de um congresso em Nice o que evidenciou ainda mais seu método diferenciado e despertou atenção de vários participantes após visita à sua escola. Percebeu que a preocupação divergia da maioria que tinha como eixo central o acúmulo do saber e não pelo prazer de aprender, buscava entusiasmo, envolvimento e a vontade de descobrir. Freinet não media esforços pelos seus alunos e teve problemas locais com as autoridades e ganharam apoio de vários países adeptos às suas práticas que tiveram contato com seus impressos. Usava a revista para publicar boletins contra o sistema político que desvalorizava a educação e o professor e lutava a favor da escola. Defendia trabalho escolar de 30 horas semanais e adotou o tempo livre como alternativa de atividades para as crianças estimulando a autonomia e liberdade de produzir algo que estivesse motivado, sua luta era para que a pedagogia trabalhasse a fim de que a criança se desenvolvesse integralmente em clima favorável e natural.

Na segunda guerra mundial, Freinet foi preso como perigoso líder que imprimia panfletos clandestinos, em campo de concentração adoeceu e no hospital alfabetizou outros presos aperfeiçoando suas técnicas e utilizando também as técnicas que usou em sua escola infantil com aqueles presos exercendo sempre o educar. No pós-guerra a Cooperativa de Ensino Leigo de Freinet estava destruída, ele e a esposa com o apoio de muitos adeptos reergueram a cooperativa que voltou com seu trabalho de expansão e divulgação do movimento. Fortalecido o grupo, Freinet lutou pela causa de 25 alunos por sala.

Célestin Freinet faleceu em 1966, porém sua obra permaneceu com sua esposa e depois suas ideias lançadas são temas de congressos e muita discussão, há muitos professores em todo o mundo, seguidores de seus princípios. Deixou invariantes pedagógicas como meio norteador de práticas de suas técnicas e instituiu um teste para medição sobre a prática docente.

2 UM PERCURSO DE FORMAÇÃO

Como é que se escreve? Que é que se diz? E como se dizer? E como é que se começa? E o que é que se faz com o papel em branco nos defrontando tranquilo?

Sei que a resposta, por mais que intrigue, é única: escrevendo.

Clarice Lispector

Certa vez li em algum lugar, e não me recordo exatamente onde, que escrever sobre o que está a sua volta é fácil, difícil é escrever sobre si mesmo. Nunca havia dado importância a essa ideia e se tornou uma frase solta em minha memória. Porém, ao precisar necessariamente escrever um memorial sobre mim, deparei-me com ela novamente rondando os pensamentos e descobri que é verdade. Escrever sobre nós é muito mais difícil do que imaginamos. É um deparar-se consigo mesmo, um espelho da vida em retrospectiva, mesmo as vidas ainda curtas em tempo como a minha, com apenas 22 anos de idade. Escrever sobre sua vida é perpetuar, é revisitar uma memória recalçada, negligenciada ou esquecida. É sentir saudades e por um segundo desejar retornar para o exato momento descrito. Embora desafiador e *a priori* difícil, a oportunidade de colocar em um papel toda uma trajetória de vida, é especial.

Sou Isabella Oliveira Dias, inicio minha vida em vinte e cinco de junho de mil novecentos e noventa e nove, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. Vivi uma vida de mudanças ao longo de aproximadamente 10 anos. Meu pai, na época bancário, recebia ofertas de mudança de cidade a cada três anos e esse era o tempo máximo que passávamos em cada município. Minha mãe, então estudante de letras, acompanhava o esposo, casados há pouco. Assim, passei minha infância migrando por quatro cidades ao todo, estabelecendo vínculos e pouco depois precisando vivenciar e compreender as despedidas.

Venho de uma família que conseguiu estudar, mesmo com as dificuldades do tempo. Minha linha geracional é simples, principalmente com relação aos estudos. Meus avós criados com dificuldade em roças. Meus pais, ainda com certas dificuldades e limitações, conseguiram estudar regularmente e se formar em graduações, pós-graduações e especializações.

Posso dizer que de todas as gerações da minha família, o estudo com menos dificuldade foi o meu. Sempre tive acesso aos colégios considerados referências na cidade. Estudei regularmente sem nenhum percalço e ao final da minha adolescência para a idade adulta, quando precisei escolher uma faculdade, tive o privilégio de me dedicar 100% do meu tempo somente ao estudo. Sim, um privilégio realmente.

Iniciei meus estudos em colégio particular. Uma das primeiras lembranças que tenho, por volta dos quatro anos de idade, é um evento em comemoração à páscoa. Recordo-me com clareza de pouco tempo depois, começar meu ano letivo em outro colégio particular chamado CEMOL, localizado em Conceição das Alagoas. Lá aprendi a escrever e a ler. Guardo com carinho os nomes das três professoras – Eliana, Janete e Celeste - que me ensinaram a base do que se tornou minha paixão, a leitura. Lembro-me de todo o ritual para me preparar para a escola e do caminho que percorria para a aula. Escrevendo este memorial, percebo que desde sempre sou perfeccionista. A organização do material na carteira, o modo de escrever no caderno, a maneira como estudava para as provas e de todos os cadernos de caligrafia que eu amava fazer.

Sempre gostei de escola. De estudar. Nunca tive dificuldade em gostar do ambiente escolar. Em 2006, residindo em Patrocínio, recordo-me que assim que nos estabelecemos em agosto na cidade, matriculada em uma escola estadual, me vi angustiada. Nessa escola, participava da turma de uma professora que era conhecida por ser muito severa. Alfabetizada, escrevendo tudo o que fosse necessário, minha letra obedecia ao tamanho da linha, mas nesta turma precisei adequar o meu jeito de escrever fazendo com que as letras e palavras fossem escritas de modo que o seu tamanho tomara 3 a 4 linhas da folha do caderno, não se restringindo somente a escrever no limite de uma linha como de costume.

Certa vez, em um momento de euforia da classe, a professora se exaltou e jogou uma mesa no ar, caindo do lado de fora da sala, quase acertando um menino. Nunca havia visto uma cena de tamanha agressividade e perigo. As mesas eram de madeira e pesadas. Caso acertasse alguém, machucaria com facilidade. Senti-me acuada e com medo, mas ao conversar com os colegas de classe, pude perceber que era corriqueira tal atitude. Relembrando este episódio atualmente, vejo uma professora pautada em uma educação de reprodução e transmissão, onde não existia espaço para o aluno se expressar, sendo somente um reproduzidor de tudo o que era passado a ele. Era uma professora exausta, que poucos meses depois se aposentou depois de muitos anos de exercício. No início do ano, estive na escola Arco-Íris, colégio particular no centro da cidade de Patrocínio. Muito participativa, gostava de ler quando a professora deixava. Entretanto por um período comecei a ter dificuldades e meu desempenho diminuiu, descobrimos que meu problema era visual. Logo em seguida os problemas ortodônticos surgiram e precisei usar um aparelho, o que dificultou a minha fala e conseqüentemente o entendimento dos ouvintes. Assim, a participação ativa que tinha, foi reduzida a quase zero e meu desempenho decaiu consideravelmente. Quando foram resolvidos os problemas, acreditei que continuaria minha rotina normalmente. Mas ao ser negado o direito de participação e de ter

percebido que estava sendo excluída de uma maneira velada, fui me sentindo como se fosse um incômodo aos outros e passei a de fato não querer participar, pois acreditava que estava sendo um estorvo e que iria atrapalhar a rotina da sala. Passei a sentir falta de ser ativa como fui em minha alfabetização no colégio Cemol. De poder participar efetivamente e não somente ouvir as explicações. Por vergonha da minha fala dificultada devido ao uso do aparelho ortodôntico, não expunha minhas dúvidas em sala e não relatei em casa o ocorrido. Meus pais souberam que algo estava errado, quando as notas que eram altas caíram drasticamente. Hoje, relembro essa situação, acredito que a negligência aconteceu por despreparo. Em uma turma relativamente pequena, a professora para não precisar desenvolver uma nova estratégia de ensino para me incluir, preferiu somente me silenciar e continuar seu trabalho. Como estudante de pedagogia e adquirindo conhecimento para ocupar o mesmo lugar que ela ocupou, vejo quão importante é a matéria de didática e uma visão composta por uma empatia para as diferenças, e ainda mais, como é importante que estabeleçamos um trabalho que de fato potencialize a criança. Isolamento, exclusão e negligência são situações que quem sofre, mesmo que em um pequeno grau, nunca irá esquecer. Como diria Freinet (1988, p. 176),

A educação deve ser móvel e flexível na forma; deve forçosamente adaptar suas técnicas às necessidades variáveis da atividade e da vida humanas. Nem por isso deve deixar de cumprir plenamente o seu duplo papel: exaltar no indivíduo o que ele tem de especificamente humano, a parcela ideal que ilumina uma razão de viver mesmo nas piores degradações; enriquecer e fortalecer o acervo comum de conhecimentos, que é como que nossa terra nutriz, o substrato essencial de nosso devir.

Somente tive mudança de comportamento, quando em 2007 uma professora maravilhosa - Maria Zélia – me afirmava como sujeito ativo de minha aprendizagem e me deu as mãos – literalmente - em várias aulas de reforço para recuperar todo o tempo em que estive negligenciada por uma professora que não soube lidar com a minha fala dificultada e optou por limitar toda a minha interação com o meio em que estávamos. Percebo que a professora Maria Zélia tem em seu ato de ensino características da pedagogia de Célestin Freinet. A professora ao se dispor a me ensinar tudo o que se ficou perdido do ano anterior, fez o que Freinet considerava como papel do professor. Aquele que promove ao aluno uma elaboração de um texto livre, com liberdade de expressão, ensaio experimental. Na matemática, elaborávamos problemas pautados em algo da vida particular ou em alguma referência da escola e assim íamos repetindo até se obter o conhecimento. Também fazíamos aula passeio dentro do próprio colégio com um tema específico a se observar. Foi interessante este processo de reforço, pois por vezes não era somente eu que participava deste momento, mais três a quatro crianças também eram atendidas pela professora Maria Zélia e foi muito eficaz sua dedicação. Sem

dúvidas ela fez um trabalho no qual eu pude claramente desenvolver sentido e significado para o aprendizado dele proveniente.

Freinet deixa explícito qual o papel da escola:

[...] Precisamos necessariamente rever os nossos conceitos educativos, se quisermos que a Escola se torne finalmente o meio ajudante susceptível de influenciar vigorosamente o destino infantil. [...] A escola deve, portanto, e em primeiro lugar, permitir, facilitar, organizar a experiência tateada. Mas a criança, dir-se-á, ficará então reduzida a realizar sempre as mesmas experiências, a percorrer sempre os mesmos caminhos, com os mesmos riscos de erro. É a própria negação de qualquer possibilidade de progresso. (FREINET, 1978, p.67-68).

Durante minha infância aprendi que escola era lugar necessário e obrigatório de se estar. Que aprender a ler, escrever, contar e falar adequadamente eram primordiais e que deveria me dedicar e fazer tudo corretamente, pois não se passava de uma obrigação. Meu pai sempre foi rígido com minhas notas e queria que eu fosse sempre melhor. Dizia que as professoras não eram bravas, elas apenas seriam rigorosas com o intuito de me ensinar, que eu precisava respeitar e que criança deveria obedecer sem questionar. Considerando a pedagogia que Freinet desenvolveu, percebo que o conselho de meu pai neste ponto não vai de encontro com a temática freinetiana. Para o pedagogo, é necessário que haja uma relação da pedagogia com a vida social dos alunos, tal fato auxilia o professor no seu fazer pedagógico, construindo com seus alunos a aprendizagem coletiva, diante de uma proposta real de interação por todos os sujeitos no processo educativo, respeitando a linguagem de cada um, tornando o aprendizado prazeroso e principalmente trabalhando a autonomia dos mesmos.

Embora o conselho de meu pai não vá ao encontro com a pedagogia viva de Célestin Freinet, compreendo que a participação de minha família por toda minha vida acadêmica sempre foi muito ativa e de apoio à escola. A família é a primeira instituição social em que a criança é inserida, onde se é possível o desenvolvimento dos desejos e vontades, enquanto a escola trabalha na perspectiva de ampliação das potencialidades que a criança apresenta. Assim, é primordial que seja estabelecido um bom elo entre família e escola, para que a aprendizagem seja mais efetiva. O pedagogo Célestin Freinet considerava importante essa participação familiar na educação das crianças ao expor um pensamento do pedagogo Pestalozzi:

Não há livros, não há métodos artificiais que possam substituir a educação em família. A melhor história, o quadro mais emocionante visto num livro é para a criança como a visão de um sonho sem vínculos, sem seguimento, sem verdade interior. Pelo contrário, o que se passa em casa, sob os olhos da criança, liga-se naturalmente, no seu espírito, a mil outras imagens precedentes, pertencendo à mesma ordem de ideias e, portanto, têm para ela uma verdade interior. (PESTALOZZI apud FREINET, 1974, p. 14).

Assim foi todo o meu processo escolar regular, desde o maternal ao terceiro ano do ensino médio. Um fato da minha época de escola, eram os representantes de classe, fui eleita representante por cinco anos consecutivos. Foi uma época boa, embora tenha tido poucos amigos e as pessoas por muitas vezes tenham se aproximado de mim por algum tipo de interesse relacionado à minha facilidade para estudar e conseguir as notas altas.

No fim de 2009, retornamos para Uberlândia. Quanta felicidade. Meu sonho sempre foi morar na cidade novamente e ficar próxima de meus avós. Minha mãe recém-formada em pedagogia trabalhava como educadora escolar em uma emei da prefeitura. Acredito que venha dela todo o incentivo que tive com o ato de ler e estudar. Amante das letras e boa professora, sempre me incentivou a ser uma excelente aluna. Fazia materiais de estudo para mim, me tomava ditados iguais aos de professora em sala de aula, com o intuito de revisarmos a ortografia e regras gramaticais, elaborava algumas perguntas para me preparar para as provas. Além de fazer o que Freinet considerava como texto livre, onde me colocava também para escrever redações.

Não digo com lamúrias que tive poucos amigos. Em cada etapa da minha pequena vida, tive a quantidade exata de amigos parceiros. Recordo-me que em um ano, fui acusada injustamente de praticar bullying com uma moça que muito era maltratada no colégio. Este episódio me marcou consideravelmente e pouco depois uma professora de língua portuguesa me maltratou na mesma escola quando a questioneei sobre uma palavra escrita no quadro. A mesma disse que eu não podia questioná-la e somente escrever em meu caderno esperando a explicação que viria logo em seguida. Senti-me acuada por uma simples pergunta, além de invadida por tamanha falta de respeito e desde então passei a me isolar em muitos momentos, com medo de ser repreendida, mas meu rendimento não decaiu como da primeira vez que fui negligenciada no colégio Arco Íris.

Ao pensar nas “As técnicas Freinet da escola moderna”, vejo que as suas concepções de texto livre e sua correção, além da atitude que o professor deve ter diante de tal ato, se encaixam no episódio de minha formação. Célestin Freinet (1975, p. 61) diz que “alguns professores não abandonaram ainda o espírito da escola tradicional, juntando deveres e redações, dizendo categoricamente quais são bons e escolhem dentre eles os que merecem honras de impressão”. Para ele, esta prática revela um despotismo ou uma tirania. Freinet acredita que com essa atitude, a criança estará exposta a um tratamento constante de rudeza e adequações devido ao grau de imperfeição da linguagem ou negligência na apresentação.

[...] A criança obedecerá, mas terá compreendido: de futuro, não contará senão o que lhe for permitido; terá mais cuidado na apresentação, escolherá a sua linguagem, para

que nada vos choque nem mereça da vossa parte censuras e comentários descorteses, e manter-se-á reservada, fechada em si mesma. (FREINET, 1975, p. 62).

Estes episódios me mostraram que mesmo você sendo correta em suas atitudes, a percepção do outro sobre você é algo de uma externalidade sem medida e que não há nada a se fazer sobre. Por esses episódios percebi que embora sendo uma boa pessoa, sempre existiriam as falas distorcidas e um ataque mesmo que pequeno em minha direção. Percebi também, que se um dia estivesse em uma sala de aula, como professora, iria me desdobrar para reconhecer e auxiliar as crianças que se isolam em detrimento do medo do que os outros vão pensar. Ao começar a me lembrar destes episódios para escrever esse memorial, percebo que essas histórias podem convergir com o tema o qual me dispus a desenvolver como trabalho de conclusão de curso. “O trabalho na construção da aprendizagem”, tema que visa compreender o conceito de trabalho nas práticas pedagógicas de Freinet e se é possível promover o envolvimento real da criança no processo de ensino aprendizagem através do trabalho. Pensando sobre o trabalho, Freinet diz que são atividades que de fato a criança precisa fazer e que possuem um caráter de atribuição de significados para ela. Além disso, vai ao encontro com meu desejo de incluir crianças isoladas e acanhadas e promover uma aprendizagem rodeada de sentido.

No ensino médio me destacava. Fui escolhida para participar de uma iniciação científica em Letras, pela universidade federal de Uberlândia. Foi maravilhoso. Recebia bolsa para realizar tal trabalho e o contato inicial com o ambiente universitário me mostrou que logo estaria naquela rotina que as pessoas vivenciavam. O ensino médio foi marcado por muitas referências enquanto profissional da educação. Estudava na escola estadual Messias Pedreiro, no centro de Uberlândia. Escola referência, onde as famílias formavam e dormiam em filas com o intuito de conseguirem uma vaga para seus filhos. Minha mãe foi uma dessas pessoas. No Messias Pedreiro convivi com professores excepcionais, e peço ao leitor que esteja se debruçando em minha história, que pense no “excepcional” em caixa alta, negrito e uma entonação diferente se fosse dita verbalmente. Sem dúvidas o conhecimento que obtive com a experiência de cada profissional que passou neste período da minha educação, foi diferenciado. Inclusive, minha decisão pelo curso de psicologia partiu em 2014 com o professor Heitor de sociologia.

Os professores que ali trabalhavam exerciam um papel de incentivadores, em sua maioria. Não posso deixar de lembrar também dos que ainda estavam presos a uma educação tradicionalista, com mera reprodução e sob uma rigidez sem medida, mas já existiam os profissionais que buscavam uma educação viva pautada no desenvolvimento do aluno como sujeito ativo de sua aprendizagem. Havia aulas passeio – mesmo que na época eu não conhecesse por este nome – hoje ao ler os escritos de Freinet, posso dizer que participei de aulas

passeio e transcrevo aqui que ele estava correto em afirmar que o aprendizado acontece pela experiência, observação atenta e aberta aos temas que surgirem deste passeio. Ademais, os trabalhos realizados pautados sob um currículo que englobava para além de conteúdos pragmáticos, interesses e dispostos o ensino em atividades onde o aluno de fato precisava se movimentar para realizar, causou um impacto positivo em minha aprendizagem. Criou significado, sentido e estabeleceu um elo com hierarquias estabelecidas, mas com valorização da atuação do estudante em sua própria educação.

Professor Heitor começou uma graduação em psicologia na época em que lecionava sociologia para minha turma. Fazia trabalho voluntário como palhaço nas horas vagas e se descobriu amante da mente humana. Um ótimo sociólogo propunha atividades como textos livres para a nossa turma. Jamais se colocou tirânico sobre nossos escritos, pelo contrário, estimulava a escrita com a orientação que estivesse ao seu alcance. Tinha verdadeira afeição ao profissional que ele era e vê-lo adentrar no curso de psicologia ao passo em que lecionava com tamanho afinco, fez-me levantar um interesse para as áreas do universo da pedagogia e da psicologia, mas com maior afeto para o curso de psicologia.

Por falar em decisão sobre o curso de psicologia, quero contar como foram minhas escolhas profissionais ao longo da vida. Quando criança brincava de ser professora. Parte da adolescência desejei ser médica. No início da idade adulta me via sendo psicóloga. A pedagogia nunca foi um sonho de consumo para mim. Ela surgiu como uma oportunidade, no meio do ano de 2017, um ano sabático destinado exclusivamente para estudo a fim de conseguir uma vaga no curso de psicologia na universidade federal de Uberlândia. Minha mãe, pedagoga, em julho viu um anúncio na internet sobre curso de pedagogia a distância na UFOP – federal de Ouro Preto e me avisou. Resolvi me inscrever e caso conseguisse, iria conciliar com outras atividades, visto que o curso seria no formato à distância. Era como se a pedagogia fosse um meio de me manter ocupada (logo eu, a estudante que prestava federal, me sentindo com poucas coisas para fazer). Consegui ser aprovada e comecei o curso com um polo presencial na cidade de Araguari. Pouco depois a UFU lançou edital para o mesmo curso e pensando na comodidade de ter um polo presencial em Uberlândia, tentei esse processo seletivo e consegui. Tranquei minha matrícula na UFOP e abri uma na UFU. Assim se inicia minha trajetória em busca de me tornar professora, ou de apenas ter os aparatos técnicos para tal, sem anseios e desejos maiores.

Atualmente, concilio a graduação em pedagogia com a graduação em psicologia. Com o tempo percebi que uma ampara a outra e me vi em um mundo intelectual que por vezes convergia. A concepção sobre a infância, ou mais especificamente, sobre o indivíduo enquanto um vir a ser é presente em ambos os cursos. Por coincidência – ou não – o autor que hoje estudo

para desenvolver meu trabalho de conclusão de curso, escreveu sobre esta temática em sua obra intitulada de “Ensaio de psicologia sensível 1 e 2”. Onde perpassa sobre a noção da importância de temáticas estudadas na psicologia para o enfrentamento da sala de aula. Este livro retrata uma análise do comportamento da criança fora e dentro da escola, enfatizando as nuances do infantil e como ele se constitui a partir de um amparo familiar bem como o que se espera que atravessasse esse período. Foi aí que me vi com as escolhas certas – por mais que a pedagogia tenha sido inicialmente somente uma oportunidade. Vivencio duas realidades distintas nas graduações. Enquanto uma é à distância na federal, a outra é presencial na particular. Confesso que por muitas vezes pensei em desistir, pois o ead – diferente do que pensam – não é fácil de lidar. A sobrecarga de estudos, embora me dedique exclusivamente para tal, por vezes foi sufocante. Entretanto escolhia todos os dias continuar e por essas escolhas diárias, encerro minha passagem pelo curso de pedagogia no ano de 2021.

Em uma apresentação de trabalho, na matéria de psicofarmacologia na graduação de psicologia, o professor me elogiou dizendo que se sentiu imerso em uma aula quando comecei minha explicação. Recomendou-me um curso de oratória e me questionou se já tinha a experiência de sala de aula como professora. Respondi que cursava pedagogia e creio que algum conhecimento em didática obtido durante a graduação eu utilizei naquele momento para me apresentar.

Sempre me parabenizam por conciliar duas graduações, mas os bastidores dessa escolha poucas pessoas conhecem. Para conseguir fazer dar certo, são necessárias que sejam feitas renúncias diárias. Renuncio por vezes a momentos de estadia com a família. Renuncio às noites de um sono tranquilo e momentos de descanso em prol de deixar as atividades e obrigações relativas à faculdade todos em dia. Renunciei trabalhos. Mas nesses momentos, recordo-me de minha infância, quando ouvia de meu pai que o estudar se faz necessário e obrigatório.

Estudo com gosto, com empenho e dedicação. A escola para mim é sinônimo de cuidado. Ser professor é ser mestre em técnicas de ensinar, mas ser doutor em empatia, respeito e mediação, favorecendo a autonomia e desenvolvimento do aprendiz, enquanto um sujeito totalmente capaz de se compor e desenvolver. Já diria Freinet,

[...] A vida é uma conquista. Só por causa dos nossos erros comuns ela se torna uma luta. É por um esforço comum que devemos trabalhar para abrir às gerações vindouras o caminho da vida. (FREINET, 1978, p. 212).

3. O TRABALHO NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM¹

Existem preconceitos tenazes como o da necessidade do esforço árduo, da obrigação e do sofrimento. Como reação, algumas pessoas pregarão as virtudes educativas do prazer e do jogo. Felizmente, existem linhas de ação mais eficazes e mais humanas.

FREINET, 1998, p.129.

Célestin Freinet cresceu em uma família de pequenos proprietários de terra e pastores. De acordo com Boleiz Júnior (2012, p. 54), a função de pastorear era destinada às crianças e assim desde muito jovem Freinet aprendeu as tarefas do campo “em meio a brincadeiras sempre influenciadas pelas atividades do trabalho cotidiano.” Para além, ainda segundo este autor, era comum e frequente as crianças se envolverem com trabalhos úteis socialmente de modo que se sentiam pertencentes ao meio. Elise diz que “[...] a experiência pastoril será, para Freinet, um tema constante em sua experiência educadora” (FREINET, 1977 apud LEGRAND, 2010, p.11).

É provável que sua criação tenha exercido influência no desenvolvimento de sua pedagogia popular e em sua concepção de infância, em relação a isso Boleiz Júnior (2012, p. 55) diz que as crianças “[...] desde sempre, tem um papel a cumprir e uma colaboração a oferecer ao trabalho social, como participantes da comunidade trabalhadora”, bem como na compreensão do trabalho como meio educativo, envolto por um processo de utilidade, produção de valor e vida e criação.

Em razão de sua deficiência pulmonar, Freinet em sua sala de aula necessitava de uma estrutura diferenciada dos demais colegas professores, não podia de acordo com Boleiz Júnior (2012) dar broncas e ordens aos berros ou falar alto. Para contornar o problema, em suas experiências em sala, anotava todas as características que seus alunos demonstravam e tudo o que lhes causava algum efeito ou fosse significativo, além disso, anotava também as situações que considerava fracasso e ao final, em meio a um saldo de situações positivas e negativas, conseguia compreender que a educação ali trabalhada não ia ao encontro da educação que ele gostaria e considerava mais eficaz. É possível analisar nos escritos de Boleiz Júnior (2012) a decepção de Freinet quanto aos instrumentos de trabalho – os manuais – os quais “eram

¹ Capítulo produzido em coautoria com Keila Cristina Freitas Souza.

determinados, sem interferência nossa, por outros que, na maior parte das vezes já não davam aulas segundo os programas estabelecidos pelas direções e os ministérios, e que só acidentalmente satisfaziam as próprias necessidades da massa” (FREINET, 1975, p. 18 apud BOLEIZ JÚNIOR, 2012, p. 77), para o educador, “não é necessário sufocar as crianças com matérias para que elas consigam aprender.” (COSTA, 2006, p. 27). Além de se mostrar inconformado com o modo como deveria portar-se mediante sua turma, pois

era obrigado a utilizar o melhor possível os instrumentos e as técnicas tradicionais, a dar lições que ninguém compreendia, a mandar ler textos que, embora simples, nada significavam no devir educativo das crianças [...] em cálculo tinha-se de aprender mecanicamente os números, com ou sem ábaco e, nas restantes disciplinas do ensino continuava-se com a lição de repetição que cansava muito depressa tanto os alunos como eu próprio. (FREINET, 1975, p. 22 apud BOLEIZ JÚNIOR, 2012, p. 77).

Célestin Freinet critica a educação e a escola tradicional, na medida em que se mostra somente expositiva, reprodutiva, generalizadora e limitante. Deseja uma pedagogia viva, móvel, associada intimamente com as experiências das crianças, gerando significado, sentido, necessidade, envolta por instrução e trabalho, para além dos manuais escritos e das disposições esperadas, por isso busca em sua base pedagógica utilizar-se de técnicas desenvolvidas por ele e do trabalho como meio de ensino e aprendizagem. Freinet expõe que não se contentaria

[...] em ligar essa escola ao trabalho por intermédio falacioso das palavras e dos livros. Não repetirei essa traição, mas colocarei efetivamente o trabalho na base de toda a nossa educação. [...] Constatamos que o trabalho, que os ofícios estão, queiramos ou não, no centro da vida das crianças; constituem o substrato comprovado sobre o qual vamos construir todo o nosso edifício cultural (FREINET, 1998, p. 168).

Trabalho esse que é algo natural para a criança, o que entendemos como brincadeira, ludicidade, jogos. Inclusive em um dos princípios invariantes da pedagogia de Freinet (1973, p.53) ele afirma que “não é o jogo que é natural na criança, mas sim o trabalho”. E a educação não poderia negar este princípio utilizando-o a seu favor, sendo “que o trabalho na escola deve ser visto não só como um meio didático, mas como uma prática ligada à vida e ao contexto histórico-social dos alunos.” (BARROS, SILVA, RAIZER, 2017, p.3)

Sampaio (1989) aborda que Freinet, ao perceber o real interesse das crianças, buscou associar a educação à vida e à realidade das crianças, usou o que chamava atenção das crianças a favor da educação. Sua pedagogia deveria ser compreendida sob três etapas: (1) experimentação; (2) criação; (3) documentação

A experimentação, sempre que isso for possível, pode ser tanto observação, comparação, controle, quanto prova, pelo material escolar, dos problemas que a mente se formula e das leis que ela supõe ou imagina. A criação, que, partindo do real, dos conhecimentos instintivos ou formais gerados pela experimentação consciente ou

inconsciente, se alça, com a ajuda da imaginação, a uma concepção ideal do dever a que ela serve. Enfim, completando-as, apoiando-as e reforçando-as, a documentação – a busca da informação desejada em diferentes fontes – que é como uma tomada de consciência da experiência realizada, no tempo e no espaço, por outros homens, outras raças, outras gerações. (FREINET, 1998, p. 354-355).

Freinet (apud COSTA, 2006, p. 27) diz que “é através das experiências que as crianças chegarão ao verdadeiro conhecimento. Para isso acontecer, as escolas deverão se adaptar ao meio social das crianças, serem totalmente ativas e dinâmicas, permitindo assim, que elas alcancem com a máxima exuberância, seu destino de homem”.

Buscava uma prática com a utilização de técnicas que despertariam o interesse dos alunos e facilitaria o processo de aprendizagem dos mesmos em virtude da aproximação de experiências reais com a abertura para a valorização de um conhecimento cotidiano, singular e subjetivo. Segundo, Costa (2006), ele almejava “uma prática educacional totalmente centrada na criança, atribuindo grande ênfase aos trabalhos (atividades) manuais, tendo em vista a formação de crianças ativas, que serão responsáveis por uma futura transformação social”. Para Freinet,

A proposta pedagógica ao encontrar-se desconectada do cotidiano das crianças só servirá para enchê-las de saberes insignificantes. Sem conteúdos significativos o ensino se transformará em uma farsa e os professores terão jogado seu trabalho no lixo: "lamento os educadores que são apenas tratadores e pretendem tratar metódica e cientificamente os alunos" (FREINET, 1973, apud COSTA, 2006, p.30)

É possível compreender que Freinet concebia uma postura escolar diferenciada. Para além dos muros da escola, pois “a função educativa não está de modo algum confinada às paredes da escola” (FREINET, 1966, p. 296 apud COSTA, 2006, p. 28), mas deveria ter um teor humanizador. Acreditava que o papel da escola e dos professores fosse o “de proporcionar situações por meio das quais as crianças sintam necessidade de agir, ou seja, fazer com que elas se dediquem intensamente à descoberta de algo que conseguiu despertar seu interesse.” (COSTA, 2006, p. 27).

Buscava assim uma adequação da educação que fizesse sentido à criança, que transformasse o momento da sala de aula em prazeroso, onde pudesse estabelecer uma relação harmoniosa entre aluno e escola. Para isso era preciso despertar o interesse no aluno. Freinet propõe o tateamento experimental. Madeira e Madeira (2013 p. 25479) afirmam que “O tateamento é ao mesmo tempo o processo de busca pela aprendizagem e a aprendizagem propriamente dita, através da experimentação” permitindo “à criança a liberdade de ‘andar’ no seu ritmo, tanto na busca de novas aquisições como em reconstruí-las e assimilá-las.”

Valorizando o interesse da criança, envolvendo-as no seu processo de aprendizagem praticando o que é de sua natureza.

Nessa busca por despertar o interesse da criança e estabelecer uma relação de prazer com a escola, Célestin Freinet desenvolveu aulas passeio com percursos externos a sala de aula incentivando um trabalho de observação que mais tarde utilizaria para produção de textos e leitura. Explorava a experiência e a associava com a Geografia, a História e a Ciência, de acordo com o que era conveniente a partir do experimento realizado, encurtando o distanciamento entre escola e vida. Após os passeios, o texto livre sugeria as crianças escrever sobre a experiência se quisessem, sem imposição, mas com o incentivo pois Freinet inconformado de deixar a produção de seus alunos num armário, resolveu fazer impressão para distribuir e compartilhar os textos criados por seus alunos após a experiência do passeio aula. Madeira e Madeira (2013, p. 25481) apontam que Freinet considerava uma aprendizagem a partir do trabalho coletivo, pois

[...] as pessoas aprendem melhor coletivamente. No pensamento freinetiano fica explicitado que se ouvirmos as outras pessoas, estabeleceremos relações entre os saberes dos outros em relação aos nossos saberes, e por sua vez esses saberes, ao se misturarem, dão origem a um novo saber; agora já mais elaborado pela mediação dialógica do conhecimento partilhado no coletivo da classe. Ainda é de Freinet a ideia da discussão e do planejamento debatidos coletivamente e a distribuição de tarefas e responsabilidades entre as educadoras e as crianças.

Na perspectiva do trabalho coletivo, é de Freinet a concepção de “uma educação cuja espinha dorsal é uma metodologia pautada na cooperação e na atividade, em que a criança é sujeito das suas aprendizagens e em que o professor se destaca nesse processo como mediador” (BARROS, DA SILVA & RAIZER, 2017, p. 4). É seguindo esta lógica que se pode compreender a educação como um processo contínuo e plural, dependente de comunicação, livre expressão, coletividade e cooperação. A partir desta premissa se torna possível o ato de educar, com a perspectiva de formar uma criança comunicativa e participativa, e por esta análise que Freinet, segundo Oliveira (1982), acredita que “a educação [...] deve ser móvel e flexível na sua forma, adaptando suas técnicas às necessidades variáveis da humanidade [...]” além de criticar o dogmatismo que gera um imobilismo.

O envolvimento da criança bem como o despertar e motivar a participação em todo o processo educacional está na base de sua proposta pedagógica. Freinet (1973, p.53) ao alertar com várias das invariantes pedagógicas que falam sobre ninguém (tanto adulto quanto criança) gostar de imposições autoritárias, de disciplina rígida, de trabalhar sem objetivo, de que todos gostam de escolher o trabalho, dentre outras, demonstra o que é da natureza humana em desfavor de um escola tradicional e autoritária. Lima (2010, p.16-17) explica que

em uma sala de aula quando colocado em prática as aulas passeios, a criança consegue observar e aprender muito mais sobre as coisas que se rodeiam porque nada é imposto, as aulas tornam-se lúdicas porque o professor muda o ambiente tradicional onde se ensina, e a criança por fim não visualiza, mas aquele passeio com algo chato e sim como uma atividade escolar diferente e atraente. ... as crianças conseguem perceber a importância de seus esforços e de seu trabalho. Quando um professor utiliza da proposta de Freinet por meio da aula-passeio é fácil perceber como as aulas ficam mais vivas, dinâmicas, como as crianças acabam se tornando leitoras e escritoras e como surgem projetos com mais espontaneidade, ao final as aulas acabam tornando-se aulas lúdicas.

Lima (2010) utiliza o termo lúdico no mesmo sentido que Freinet usa o termo trabalho com a preocupação de ressaltar que é “fundamental considerar que a ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista somente como diversão” (LIMA, 2010 p. 18) e o papel do professor é justamente mediar essa proposta lúdica na busca por desenvolver o aprendizado por meio dos trabalhos desenvolvidos pelas crianças. “O RCNEI estabelece como fator fundamental para incorporar a brincadeira no ambiente escolar, a importância de professores atualizados que compreendam de forma clara os processos de aprendizagem e do desenvolvimento infantil. Durante o ato de brincar é possível trabalhar os aspectos afetivos, cognitivos e sociais.” (LIMA, 2010, p.18)

Freinet sustenta uma concepção pedagógica que envolve a criança em sua totalidade. Que lhe disponha de um espaço em que sua comunicação seja irrestrita para que sua livre expressão se manifeste, uma vez que a livre expressão é “[...] a própria manifestação da vida.” (FREINET, 1979, apud BARROS, SILVA; RAIZER, 2017, p. 7). Desta maneira, sua prática pedagógica perpassou por técnicas as quais tinham por finalidade proporcionar às crianças um contato com a realidade, desenvolver sua comunicação e posição grupal buscando um aprendizado autônomo, significativo, criativo e global através da experimentação, tateamento, aulas passeio e trabalho, buscando colocá-la na posição de sujeito ativo de seu próprio aprendizado e “dar-lhe voz, tratá-la como alguém que, se não sabe, é capaz de aprender” (MADEIRA; MADEIRA, 2013, p. 25482)

Se as crianças tivessem produzindo em classe, elas não deveriam fazer um trabalho alienado, sob o qual não tivessem nenhuma autoridade. Por isso tratou de elaborar e criar algumas saídas para que a participação das crianças fosse ímpar e insubstituível na configuração da Proposta Pedagógica da desenvolvida na mesma. As implicações dessa proposta precisariam se nutrir de: esforço coletivo, atividades múltiplas orientadas, assembleias e avaliação. (MADEIRA; MADEIRA, 2013, p. 25480).

E ainda, segundo Lima (2010, p.10-11):

Na sala de aula o aluno deve ter acesso a livros, revistas, gibis e jornais. Os corredores e murais da escola devem ser utilizados para expor as atividades desenvolvidas pelos alunos como uma forma de valorizar os seus trabalhos. A escola deve planejar projetos que envolvam os alunos com a realidade de sua comunidade, promovendo assim a interação aluno e realidade.

“O adulto trabalhador de amanhã é, hoje, a criança que brinca muito. A criança que hoje participa de jogos e brincadeiras, saberá trabalhar em grupo amanhã. Se hoje aprende a aceitar as regras do jogo, amanhã será capaz de respeitar as normas sociais.” (CUNHA, 1994 apud LIMA, 2010, p. 9) Desta forma, Célestin Freinet desenvolveu sua pedagogia popular com forte influência das ideias marxistas, principalmente relacionadas ao trabalho. Bordalo (2013) explica que, para Marx, o trabalho está na base da sociedade e é por ele que o homem é capaz de construir a si e sua própria realidade, se tornando essencial, também, para modificações na natureza e na constituição do homem. Boleiz (2015, p. 51) diz que “a produção da vida humana só é possível em função da peculiaridade histórica que caracteriza os homens enquanto sujeitos históricos da ação criadora que produz sua própria história, na medida em que vão produzindo seus valores de uso.” O homem nesse sentido estabelece no meio em que vive relações de trabalho, com objetivo final, atribuindo no processo condição de valor e significância para que a finalidade seja alcançada e resultados obtidos. Partindo deste princípio, todo processo relacional é um trabalho organizado e planejado, que dispõe ao homem sua condição de ser histórico e transformador, pelo fato de produzir, uma vez que para Marx é somente através do trabalho que se mantém a vida.

Portanto, considerando o trabalho como necessidade e mantenedor de vida, bem como todo processo relacional sendo constituído por trabalho com finalidades, é possível compreender que

[...] o educador se relaciona com o educando pelo processo pedagógico, por sua vez o processo pedagógico, enquanto atividade adequada à formação dos educandos, é trabalho, pois é atividade orientada a um fim (MARX, 1983, p. 150), como acabamos de ver. Nessa relação específica entre trabalhador e trabalho, o processo pedagógico se apresenta como procedimento em que o trabalhador e objeto de trabalho se inter-relacionam dialeticamente. Tanto o educador-trabalhador contribui para a transformação do educando-objeto-de-trabalho quanto o educando-trabalhador contribui para a transformação do educador-objeto-de-trabalho. (BOLEIZ JÚNIOR, 2012, p. 18).

Freinet expõe que é o trabalho que orienta o comportamento do sujeito enquanto ser individual e social, e seria o trabalho “o motor essencial, elemento do progresso e da dignidade, símbolo de paz e de fraternidade.” (FREINET, 1988, p. 168). Trabalho para Célestin Freinet estaria vinculado à condição ontológica do homem, ou seja, uma concepção marxiana do

trabalho, sendo que “o trabalho como condição ontológica está relacionado à necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana” (MARX, 2017, apud NASCIMENTO, 2019, p. 7).

Em sua infância, Freinet precisou aprender a pastorear e a partir desta experiência trabalhou e teve aprendizado a partir deste trabalho. Além disso, não somente Freinet precisava trabalhar para auxiliar no sustento da família, como era prática comum devido ao momento histórico. Oliveira (1982) diz que para ele, trabalho “é uma atividade intimamente ligada à própria pessoa, como uma função cujo exercício produz satisfação, mesmo que acarrete esforço e algum sofrimento” e ainda recorda

[...] experiências laboriosas de crianças juntos aos pais e adultos da comunidade e observa que esses trabalhos infantis produziam prazer e eram tão estimulantes que se sobrepujavam aos jogos. Trata-se de trabalhos nos quais as crianças tinham de empregar esforços, afadigar-se, assumir responsabilidade como os adultos e disso resultavam as satisfações gozadas em companhia deles [...] eram de todo modo um trabalho útil, necessário [...] não se tratava de um trabalho imposto à criança como simples obrigação, castigo ou um engodo que lhe desse a impressão de estar trabalhando [...] (OLIVEIRA, 1982, p.102).

Oliveira (1982) aborda que é da natureza das crianças imitar as atividades dos adultos, adaptando às suas próprias finalidades e modo de operação, tornando tal imitação seu próprio trabalho mantendo-se concentrado e compenetrado, uma vez que possui “necessidade orgânica de usar o potencial de vida numa atividade [...] que tenha um objetivo perfeitamente compreendido, à medida das possibilidades infantis e apresentando amplitude de reações: fadiga-agitação-calma, emoção-apaziguamento [...]” (OLIVEIRA, 1982, p.102) e ainda completa dizendo que

uma criança que não pode nem construir a sério, nem ceifar um trigo verdadeiro, nem guardar um rebanho vivo, nem seguir a água rumorejante ou deslumbrar-se no domínio mágico do fogo, aí está o motivo por que essa criança por toda a parte e sempre, procura instintivamente, e encontra, atividades que, na origem, possuem os elementos essenciais desses trabalhos específicos, mas que são como que uma maravilhosa contrafação, adaptadas às suas necessidades, ao seu espírito, ao seu ritmo de vida (OLIVEIRA, 1982, p. 102).

Para Célestin Freinet, existe interesse e mais propriamente, necessidade, das crianças no trabalho. Ele faz uma análise com os jogos, os quais não considera importante em detrimento do trabalho, afirmando que

[...] não há na criança necessidade natural do jogo; há apenas necessidade de trabalho, isto é, a necessidade orgânica de usar o potencial de vida numa atividade ao mesmo tempo individual e social, que tenha uma finalidade perfeitamente compreendida, de acordo com as possibilidades infantis, e que apresente uma grande amplitude de

reações: fadiga-reposou; agitação-calma; emoção-tranquilidade; medo-segurança; risco-vitória. Além disso, é preciso que esse trabalho preserve uma das tendências psíquicas mais urgentes, sobretudo desta idade: o sentimento de potência, o desejo permanente de se superar e aos outros, de conquistar vitórias, pequenas ou grandes, de dominar alguém ou alguma coisa (FREINET, 1998, p. 189-190).

Freinet considera um certo tipo de jogo numa perspectiva a qual denominou como trabalho-jogo. É caracterizado, de acordo com Oliveira (1982, p. 107) como “atividade lúdica tida como natural na infância e preenchendo o tempo útil [...] é funcional para satisfação de necessidades individuais e social [...] suas raízes estariam mergulhadas nas profundezas de um devir ancestral”. Seria esse tipo de trabalho-jogo que Freinet considera positivo, uma vez que seria por meio deste que a criança colocaria em prática sua potência criativa “exigindo um esforço construtivo da criança e do ambiente pois se trata de uma atividade intelectual, moral e social. É um processo profundo.” (OLIVEIRA, 1982, p. 107).

Ademais, Freinet diz que o trabalho ao qual se orienta é uma junção entre trabalho manual e inteligência, sem que um aspecto seja privilegiado acima de outro. Para Oliveira (1982), existia uma separação entre trabalho e pensamento levando a uma concepção de trabalho nobre e manual, tornando o trabalho algo pesoso, penoso, difícil e sem prazer. No entanto, é falsa essa separação, uma vez que, ainda de acordo com Oliveira (1982, p. 105) o trabalho seja físico ou intelectual “supõe resposta a uma necessidade natural do individual, razão por que é acompanhada de satisfação, tarefa e ocupação”. Se permanece essa separação, perpetua o distanciamento de uma necessidade natural – o trabalho – da vida e assim o torna ainda mais penoso, desinteressante e desagradável, provocando “monotonia, uma fadiga anormal”, assim, o indivíduo procurará meios para descontraírem-se com jogos que Freinet considera como jogos de descontração compensadora e os jogos haxixe – os quais retiram o indivíduo de seu real mundo e os leva para um mundo imaginário com uma atmosfera artificial. (OLIVEIRA, 1982, p. 111–113)

De acordo com Nascimento (2019, p. 4), o que Célestin Freinet propõe é uma educação que seja contextualizada e que possua intencionalidade. Um método que trabalhe o desenvolvimento da intelectualidade, mas que para isso não necessite sobrepor-se aos elementos significativos da vida das crianças.

Vocês convencem as crianças de que devem aprender isto e aquilo, cuja utilidade elas não percebem; treinam-nas para recitar resumos, para resolver problemas de lógica mais ou menos duvidosa, que continuam sendo na maioria das vezes, para não dizer sempre, problemas especificamente escolares; empanturram-nas de palavras e de noções, cuja relações íntimas nem vocês percebem, que permanecem para elas como que elementos arbitrariamente justapostos. Vocês nunca lhes deixam a possibilidade de refletir, de julgar, de escolher, de decidir [...] (FREINET, 1998, p. 129).

Uma estrutura que permitisse o acesso a um trabalho-jogo que de certa maneira diminuísse a vontade da criança para jogos-haxixe ou jogo de descontração compensadora.

Todo trabalho que desenvolvemos na escola da infância dependerá da nossa intencionalidade docente, do que e de que como propomos. Se queremos que nossas crianças se apropriem cada vez mais da cultura elaborada e ampliem suas qualidades humanas, precisamos organizar a escola da infância de maneira que atenda às especificidades das crianças e que as reconheça como cidadãos que possuem seus direitos garantidos, um dos quais é o de se apropriar daquilo que o homem produziu e produz, ao longo da história. (BARROS, DA SILVA; RAIZER, 2017, p.11).

É necessário, de acordo com a pedagogia freinetiana, reaproximar a perspectiva do trabalho como atividade produtiva e distanciar a ludicidade recreativa, (utilizada quando não há planejamento), permitindo que desde a mais tenra idade a criança tenha contato com atividades que lhe demandem trabalho para que possa assim absorver dele sensação de satisfação, potência e pertencimento social com resultados de seu próprio esforço árduo, estratégias elaboradas e disposição para realização. Assim, segundo Oliveira (1982, p. 115), “desalojando o jogo de uma posição privilegiada da pedagogia e substituindo-o pelo trabalho, Freinet pretende que este seja fonte de aprendizagem e cultura”, alcançando por meio do trabalho-jogo, a “satisfação normal das necessidades primordiais do indivíduo.” (FREINET, 1998, p. 334).

Lima (2010, p.5) afirma que “o lúdico quando utilizado como recurso pedagógico na aprendizagem, deve ser encarado de forma séria, competente e responsável. Usado de maneira correta, poderá oportunizar ao educador e ao educando, importantes momentos de aprendizagens” o que é exatamente o conceito de trabalho para Freinet.

Freinet expõe que a criança sempre tem algo a ensinar. O que advém de suas experiências subjetivas e totalmente pessoais é conhecimento, podendo ser compartilhado e contribuir na aprendizagem dos demais e de si mesmo (BOLEIZ, 2012). Célestin faz uma crítica ao tradicionalismo das escolas frente aos seus alunos quando

se supõem que nada sabem. Não entra na cabeça de ninguém a ideia de que a criança, com as suas próprias experiências e os seus conhecimentos diversos e difusos, tem também alguma coisa para ensinar ao professor. Verifica-se aqui um erro pedagógico que alguns poderão dissimular com uma engenhosidade peculiar, mas que não deixa de imprimir poderosamente a sua marca em todos os sistemas escolares (FREINET, 1975, apud BOLEIZ JÚNIOR, 2012, p. 48).

Portanto, é por meio do processo educativo voltado ao trabalho, que o indivíduo possui a liberdade de expressar-se e de ver-se enquanto sujeito composto por personalidade e que entra em contato com a realidade ao seu redor de modo efetivo, eficaz, concreto. Com este contato,

a criança atravessa uma concepção de um fazer social “e sua apreensão do sentido de humanização e de liberdade que se lhes afiguram como únicos destinos dados, transformam-se em motivação intrínseca.” (BOLEIZ, 2012, p. 52).

4 CONCLUSÃO

Este trabalho monográfico teve como intuito a análise do conceito de trabalho na construção da aprendizagem a partir da teoria desenvolvida por Célestin Freinet. No ano de 2021, destinado ao desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso, a primeira etapa se constituiu da decisão do tema geral, da escrita de minha história acadêmica bem como a escolha das obras do autor Célestin Freinet para nortear e desenvolver a reflexão crítica sobre a temática escolhida. Em um segundo momento, desenvolveu-se o estudo da temática em si.

Freinet foi acima de seu tempo. Visionário, criativo, perspicaz. Desenvolveu uma teoria que colocava e respeitava o aluno como sujeito ativo e capaz, aonde se valorizava a liberdade individual e os conhecimentos advindos da vida particular de cada indivíduo, desejando que a escola não fosse somente um meio didático e sim um mecanismo que estivesse em consonância com a vida e o contexto histórico cultural e social da criança.

Freinet (1973 apud COSTA, 2006, p. 27) defende a ideia de que não é necessário sufocar as crianças com matérias para que elas consigam aprender. O papel da escola e dos professores é de proporcionar situações por meio das quais as crianças sintam necessidade de agir, ou seja, fazer com que elas se dediquem intensamente à descoberta de algo que conseguiu despertar seu interesse. É notório aqui a participação integral e ativa da criança em seu próprio ensino aprendizagem a partir de vivência significativas e que lhe atribua sentimento de contribuição e participação.

Todos os pedagogos formados e pedagogos em formação deveriam ter acesso e contato com os escritos de Célestin Freinet para auxiliar na jornada enquanto profissional da educação, a fim de delinear a como uma proposta pedagógica alinhada com o cotidiano, singularidade, respeito. Uma vez que “sem conteúdos significativos o ensino se transformará em uma farsa e os professores terão jogado seu trabalho no lixo: "lamento os educadores que são apenas tratadores e pretendem tratar metódica e cientificamente os alunos." (FREINET, 1973, p. 55 apud COSTA, 2006, p. 30).

Em minha jornada enquanto estudante tive contato com professores que praticavam preceitos da pedagogia de Freinet. Não tenho ciência se de fato desenvolviam um trabalho

pautado na concepção freinetiana, mas caso não, posso dizer que estavam no caminho certo. É interessante notar, anos depois, que uma teoria desenvolvida em uma época com poucos recursos pode ser tão contemporânea. As aulas passeio, o livro da vida, o tateamento experimental, os jornais, a correspondência entre escolas, o trabalho real enquanto meio educativo, todas as técnicas que o autor defende corrobora para uma ação intencionalmente planejada de um “processo de ensino de forma colaborativa, coletiva e cooperativa, sendo ao mesmo tempo o criador de elos mediadores da cultura humana para a aprendizagem da criança.” (DE BARROS, DA SILVA & RAIZER, 2017, p. 8).

Compreendo que o saber docente não é estático e necessita de aperfeiçoamento constante em virtude do mundo contemporâneo e dinâmico que se vive atualmente. A concepção da infância e os desdobramentos dela inerentes também está em constante transformação. É preciso que nós, enquanto ainda discentes, mas com o exercício profissional em um futuro próximo, estejamos atentos à que tipo de criança queremos formar, a qual a marca queremos deixar na vida desses que passarão por nós, a qual significância queremos atribuir para o aprendizado destes pequenos seres. Assim como para Freinet a anos atrás, vejo o papel do professor atual e projeto para a minha vida enquanto profissional da educação o dever de

[...] permitir que seus alunos tomassem decisões e que, acima de tudo, fossem responsáveis pelas atitudes assumidas [...]", valorizando assim, o lugar e a responsabilidade do aluno. Acreditando que [...] os professores não eram propriamente mestres, mas sobretudo guias, amigos e encorajadores de crianças que, tratadas dessa forma, vivem sempre felizes e confiantes, " (SAMPAIO, 1994, apud DE BARROS, DA SILVA & RAIZER, 2017, p. 11).

REFERÊNCIAS

- BOLEIZ JUNIOR, Flávio. **Freinet e Freire**: Processo pedagógico como trabalho humano. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- BOLEIZ, Flávio. Trabalho e práxis e sua relação com as pedagogias de Célestin Freinet e de Paulo Freire. **Educação e Pesquisa**, v. 41, p. 49-62, 2015.
- BORDALO, Karina Barbosa. O trabalho na concepção de Marx. In: **Anais** do XI Congresso Nacional de Educação–Educere, Curitiba. 2013. p. 373-387.
- COSTA, MC da C. A Pedagogia de Célestin Freinet e a vida cotidiana como central na prática pedagógica. Revista **HISTEDBR**, p. 26-31, 2006.
- CUNHA, Maria Isabel da. **Conta-me agora!**: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Revista da Faculdade de Educação, v. 23, n. 1-2, 1997.
- DA SILVA SOUSA, Maria Goreti; DE OLIVEIRA CABRAL, Carmen Lúcia. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, 2015.
- DE BARROS, Flávia Cristina Oliveira Murbach; DA SILVA, Greice Ferreira; RAIZER, Cassiana Magalhães. As implicações pedagógicas de Freinet para a educação infantil: das técnicas ao registro. In: **Colloquium Humanarum**. 2017. Disponível em: <https://redefreinet.webnode.com>. Acesso em: 26 out. de 2021
- DE LIMA, Patrícia Alves; DE FREITAS, Lêda Gonçalves. **Freinet e a ludicidade na educação infantil**. 2010. Disponível em: <https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/bitstream/10869/795/6/Artigo%20Freinet%20e%20a%20Ludicidade%20-%20vers%C3%A3o%20final.pdf> Acesso em: 10 set. 2021.
- ELIAS, Marisa del Cioppo. **Célestin Freinet**: Uma pedagogia de atividade e cooperação. 7ª. ed. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2004. 108 p.
- FREINET, Célestin; PEREIRA, Maria Ermantina G. **A educação do trabalho**. Martins Fontes, 1998.
- FREINET, Célestin. **As Técnicas Freinet da Escola Moderna**. 4ª. ed. [S. l.]: Editora Estampa Ltda, 1975. 178 p.
- FREINET, Célestin. **Conselho aos pais**. 2ª. ed. [S. l.]: Editorial Estampa, Lda, 1974. 180 p.
- FREINET, Célestin. **Ensaio de psicologia sensível 2**. Lisboa: Editorial Presença, LDA, 1978. 212 p. v. 2.
- LEGRAND, Louis. **Célestin Freinet**. Tradução e organização: José Gabriel Perissé. Coleção educadores MEC, Fundação Joaquim Nabuco, Recife-PE: Editora Massangana, 2010.

MADEIRA, M.C; MADEIRA, J. C. **Pedagogia Freinet na Educação Infantil: Estratégias de Avaliação e Aprendizagem nas rodas.** In: Anais do XI Congresso Nacional de Educação, 2013, p. 1-10.

DO NASCIMENTO, Maria Luzirene Oliveira. **Freinet e a educação do povo: trabalho e cooperativismo como centralidade da educação.** 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/60620>. Acesso em: 26 out. 2021

OLIVEIRA, Marília Lara do Amaral. **A escola do trabalho segundo Freinet.** 1982. Tese de Doutorado.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. **Freinet: Evolução Histórica e Atualidades.** São Paulo: Scipione, 1989.

SOARES, Wedna Cirino. **O livro da vida como agente facilitador da aprendizagem: as contribuições da livre expressão.** 2016. Dissertação de Mestrado. Brasil.

VYGOTSKY, Lev S.A. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989.